



Justiça, Paz e Integridade da Criação e Diálogo Inter-Religioso

BOLETIM ESPIRITANO NO. 4 - ABRIL DE 2017

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, CLIVO DI CINNA 195 - ROMA tel. +39 0635404610 e-mail: jpica@cssproma.com

COMO INTEGRAR A CONSTRUÇÃO DA PAZ NA MISSÃO ESPIRITANA

Jude Nnorom, CSSp.

A mensagem do Papa Francisco para a Jornada Mundial da Paz de 2017 teve por título: *A não violência: um estilo de política para a paz*. O Papa retomou as palavras do seu antecessor, o Beato Paulo VI: “A paz é a única via para o progresso humano, não as tensões originadas por nacionalismos ambiciosos, não as conquistas violentas, não as repressões que apoiam uma ordem civil injusta”. As repressões políticas, a violência, os conflitos fazem retroceder o progresso humano, enquanto que a paz dilata o potencial humano para o bem. Na sua mensagem, o Papa Francisco convidamos a descobrir a construção da paz como um estilo político que favorece o progresso, ao constatar a necessidade de abordar a violência estrutural através do aconselhamento para uma mudança construtiva nas estruturas que dão origem e mantêm os conflitos por esse mundo fora. O Papa recorda aos políticos que os objetivos da política se podem alcançar por métodos não violentos.

A NÃO VIOLÊNCIA: UM ESTILO DE POLÍTICA PARA A PAZ - MENSAGEM PARA A 50ª JORNADA MUNDIAL DA PAZ

A sua mensagem enfatiza as iniciativas católicas no processo de construção da paz. Por exemplo a presença e o testemunho dos católicos nos ambientes mais variados do mundo. Uma presença não violenta e não-partidária que serve as necessidades tanto dos causadores como das vítimas dos conflitos. Sem dúvida tal presença é perigosa! Os missionários expõem-se a perigos graves. Por vezes, a sua imparcialidade é tomada como indiferença! Seja como for, quando as agências internacionais, as ONG's, os construtores da paz de estruturas das Nações Unidas e outros, fazem as malas e partem, a decisão dos missionários de permanecer em zonas de conflito é uma forma de política ao mesmo tempo profética e corajosa.

Os Espiritanos e outras congregações missionárias católicas optaram por este

estilo de política hoje em dia. Integram na sua missão um leque de atividades conducentes ao estabelecimento da paz. Talvez a paz como objetivo não tenha estado na sua inspiração inicial, mas ao longo do percurso, souberam como integrá-lo, se necessário. Nas tarefas da Educação, da Formação, o Aconselhamento, a Promoção da Saúde e outras, os Espiritanos incorporam a construção da paz nas suas intervenções no campo pastoral e social, sempre que as situações de conflito os surpreendem, e até mesmo antes e depois do conflito. No Sudão Sul, os nossos confrades, John Skinnader, Bonifácio Mwuema, Nolasco Mushi e Pedro Kiarie perseveraram, corajosos, nas suas tarefas educativas, pas-



torais e de construção da paz apesar dos acordos falhados e do conflito aparentemente incontrolável na mais jovem nação do continente africano. A guerra do Sudão Sul foi classificada como “um negócio sujo...que inevitavelmente nos rebaixa a todos...que faz baixar o nosso nível de humanidade constantemente, o nosso e o dos nossos adversários ... que

Neste número:

- ♦ COMO INTEGRAR A CONSTRUÇÃO DA PAZ NA MISSÃO ESPIRITANA
- ♦ AÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ NO SUDÃO DO SUL
- ♦ PROJETO HUMILDE PARA CONSTRUÇÃO DA PAZ NA SERRA LEOA
- ♦ A PRESENÇA COMO RESPOSTA HUMANITÁRIA E CONSTRUTORA DE PAZ NO MEIO DA GUERRA
- ♦ MINISTÉRIO PASTORAL EM ZONAS DE CONFLITO
- ♦ TEFÉ: COMPROMISSO COM A VIDA E O MEIO AMBIENTE
- ♦ O NOSSO TEMPO: IDADE SECULARIZADA MAS SÉCULO DE DEUS

torna mais profundo o fosso que a “nós”, nos separa “deles”. Brian Starken partilha a sua experiência de ter sido “atirado” para a construção da paz, quando a guerra na Libéria transbordou para a Serra Leoa.. Mikel Kilkeny escreve sobre a presença espiritana durante a guerra em Angola. Apesar do risco que era ‘ficar’ com o povo, a escolha, feita à queima-roupa, foi interpretada pelo povo como uma “resposta humanitária e uma forma de construção da paz”. John Kingston reflete sobre este desafio muitas vezes colocado durante o conflito. Quem seriam os atrevidos capazes de se lançar à estrada ao som de bombas e cartuchos? Só os três “M”: Militares, Missionários, Malucos! Os militares evidentemente que não tinham alternativa; os malucos não eram responsáveis; mas os missionários conscientemente ficaram mesmo durante o conflito dado por interminável! Em todas as situações de conflito, os nossos confrades geram esperança à sua volta no meio da guerra, através da sua presença não partidária como testemunho.

Prevenção das guerras e conflitos é um outro estilo de política da Paz. O bispo emérito, D. Mário Neto, da Prelatura do Tefé, no Brasil, partilha a sua experiência de cuidador da integridade da Criação no Brasil Na nossa secção inter-religiosa, Bill Headley escreve sobre a

importância da prática religiosa no nosso mundo de hoje. A nossa adesão ao ministério inter-religioso é também uma forma de construção da paz num mundo a religião identifica e divide.

Neste número da nosso Boletim de Notícias, convidamos a explorar a experiência destes nossos confrades que integram a construção da paz nas suas tarefas missionárias. Estamos-lhes gratos a eles e a muitos outros que partilham experiências similares. Além disso, recordamos outros confrades que foram vítimas de experiências traumatizantes em zonas de conflito. Muitos talvez não queiram partilhar connosco as suas experiências porque seria tornar presentes memórias dolorosas e até abrir feridas já cicatrizadas. Este número do Boletim serve para dizer-lhes que não esquecemos as suas dores, ao mesmo tempo que os encorajamos a prosseguir na reflexão e na partilha das suas iniciativas de construção da paz. O Boletim convida-nos a todos a tomar maior atenção às necessidades dos nossos irmãos e irmãs que se expuseram à brutalidade das guerras e dos conflitos

no exercício da sua Missão. Sobre os confrades falecidos em conflitos e guerras, congratulamo-nos, recordamos a sua valentia e encomendamo-los à misericórdia do Senhor.

Queremos finalmente honrar a memória do nosso confrade Manuel Sabença que foi o 2º Assistente do Superior Geral, responsável pelo JPIC no Conselho Geral. Ao mesmo tempo que rezamos pelo seu descanso eterno, agradecemos-lhe o seu compromisso com JPIC e saudamo-lo em zulu “*Hambe kahle!*”

Paz para todos!



PE. JOSÉ MANUEL SABENÇA, CSSP, R.I.P.

AÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ NO SUDÃO DO SUL



CONFRADES NO MINISTÉRIO DO SUL DO SUDÃO

Pediste-me algumas reflexões sobre como nos temos envolvido na Construção da Paz desde que, como Espiritanos, chegámos aqui há já quatro anos. Infelizmente, não temos grandes histórias de sucesso para contar, sobre a construção

da paz; estamos a realizar sobretudo o nosso trabalho pastoral e educacional – o que, esperamos, contribuirá para o processo de construção da paz da nação.

O Seminário menor de Mapuordit, agora, é o meu trabalho. Aqui temos 45 es-

John Skinnader, CSSP

tudantes, provenientes das paróquias da diocese de Rumbek. O significado disto é que no Sudão Sul os clãs da etnia Dinka estão constantemente a matar-se uns aos outros mas aqui no Seminário temos todos os clãs da diocese juntos e vivendo razoavelmente em paz. É uma oportunidade que se lhes oferece para se conhecerem uns aos outros e trocar opiniões sobre a razão pela qual os seus próprios clãs e comunidades estão a lutar uns contra os outros.

O P. Bonifácio Mwema, queniano, vive a duas horas de carro de aqui e lá está a construir uma nova sucursal da missão. É uma zona de alto risco de luta e de insegurança. Já sofreu ataques: furaram-lhe os pneus do carro naquela zona e roubaram-no por duas vezes. No entanto quando o governo aceitou iniciar o processo de construção da paz entre os clãs, Bonifácio uniu-se a eles, visitando durante uma semana, comunidade por comunidade onde todos os chefes e anciãos

puderam encontrar-se para discutir e tratar a violência interminável das respectivas comunidades. No final do dia mataram uma ou duas cabras, fizeram uma festa com apertos de mão em sinal de comunhão para, juntos, construir a paz. No entanto, estes acordos sobre a construção de paz só duraram um mês mais ou menos. Mais cabras precisam de ser sacrificadas!!!

Fred, Nolasco e Sospeter trabalham noutra etnia, de nome Jur Bel. Aqui o trabalho pastoral está concentrado na educação. Não há grandes conflitos ativos nas comunidades de Jur Bel nem entre as outras comunidades, são gente que ama a paz.

Uma das iniciativas de envergadura neste processo de construção da paz, assumida por nós, é o Centro da Paz – o Bom Pastor – que foi inaugurado em Outubro pelo Nuncio Apostólico do Quênia. Eu participei na cerimónia inicial. Abaixo apresento um relatório sobre este Centro e o que pretendemos fazer nele e com ele.

O projeto das Religiões unidas no Sudão Sul para construir um Centro para formação humana, pastoral e espiritual, construção da paz e cura dos traumas para o pessoal do Sudão Sul e o das igrejas – leigos religiosos e clérigos – em

tou-se e concluiu-se sem exceder o orçamento previsto. O Irmão Denis gastou nele muitas horas de trabalho de secretaria, tesouraria, etc.

Lançaram mão de sistemas amigos da ecologia, por exemplo, montou-se um sistema de painéis solares de 50kWp, um moinho que transforma papel em palha e uma prensa que transforma tudo isso em blocos, em substituição do fogo e carvão, um sistema de aquecimento solar para a cozinha e lavandaria e uma estrutura para tratamento biológico dos esgotos.

O Centro tem 40 suites, cada uma com capacidade para quartos de duas camas, além de um hotel para jovens com capacidade para acolher 60.

A comunidade inicial encarregada da Direção do Centro consiste num sacerdote comboniano sul-sudanês, dois membros da Solidariedade do Sudão-Sul, um sacerdote vicentino das Filipinas, uma Irmã do Imaculado Coração de Maria dos Estados Unidos, um sacerdote jesuíta do Ruanda e um Irmão de S. Martinho de Porres do Uganda. É na verdade uma equipa diversificada que vive a unidade.

O facto de o Centro existir já mostra que muito se pode conseguir, apesar de todos os obstáculos. É uma dádiva que fortalece a esperança deste povo do Sudão-Sul, especialmente a de todos os que o frequentarem.

Mais ainda: quatro espiritanos são capelães da Escola Secundária do Loreto

frequentada por mais de cem moças provenientes de todo o país. Ali também funciona um Clube de Paz muito ativo. Vou enviar-te a última carta por elas produzida sobre o seu clube de paz.

Isto é tudo o que posso pensar por agora. Um Natal abençoado.

Abaixo vai um relatório do Irmão Bill que é o líder da Solidariedade em favor do Sudão Sul. Dá uma boa ideia do que acontece por aqui.

Sentido do sem-sentido

A violência sem sentido grassa todo o Sudão Sul e o final do conflito ainda não mostrou luz no fundo do túnel. Custa



compreender o que aqui acontece quando se nega tanto a verdade e deliberadamente se desinforma. Informaram-nos ontem que “o Serviço de Segurança do Sudão-Sul prendeu e torturou um jornalista por causa de um artigo que alegadamente criticava o Presidente Salva Kiir por ter enganado o país. O relatório dizia: “O Sudão-Sul intensificou a sua violência contra os jornalistas desde os meados de 2013 antes de essa guerra civil ter começado e que ainda continua até hoje”. Há rumores amiúde de luta e de ataques iminentes que nunca acontecem mas é também verdade que o acesso a áreas onde se atíça a guerra é negado àqueles que poderiam relatá-lo de maneira crítica.

Por isso atrevo-me a dar a minha opinião sobre o que está acontecendo, para dar um sentido a tudo o que estou a ouvir, a ler e a experimentar. O povo simples está boquiaberto com o que acontece no seu país. Ontem a nossa cozinheira estava transtornada, e com razão, porque dois homens tentaram entrar na sua habitação na noite anterior. Felizmente, a porta da casa é forte e o ruído deve ter incomodado os intrusos porque eles fugiram. O povo simples sente-se muito inseguro. Muita gente, até soldados e a polícia, trabalha e não recebe o salário. Eles (polícia e soldados) não podem comprar alimentos e por isso tiram aos outros que eles precisam. Isso é compreensível. Mas quando não se observa a Lei e a Ordem, os roubos, as violações e os assassinatos proliferam. Aqui há muita gente decente de países vizinhos que prestam serviços a favor do Sudão-Sul. É certo que também os há que vieram porque aqui há mais oportunidades de roubar sem serem apanhados. O nosso oficial financeiro queniano foi seguido por três homens armados que o esperaram à saída de um restaurante. Roubaram os seus bens pessoais e o nosso carro. Ele identificou-os como ugandeses por causa da sua fala e da



MISSIONÁRIOS COMBONIANOS AO LADO DE SEU VEÍCULO DESTRUÍDO

Kit, perto de Juba, no Sudão Sul, foi lançado no dia 11 do mês de Outubro de 2014 pelo arcebispo Paulino Lukudu Loro. Graças à perícia e energia do P. Daniel Moschetti, presidente da Associação e de Hans Eigner, Irmão comboniano e engenheiro especializado, aí está este Centro, intitulado “Centro da Paz, o Bom Pastor”.

Devido ao conflito que grassa no país e à dificuldade em importar materiais para a sua construção e encontrar trabalhadores qualificados, a construção deste Centro é um sucesso digno de ser mencionado. Conseguiram-se dois milhões e meio de dólares do orçamento e o Centro levan-

sua aparência.

Ouvi dizer que o Sudão Sul tem mais de 600 generais, número só excedido pela Rússia e Estados Unidos, e a área de atuação (destes generais) é muito reduzida. Alguns lideram o exército do Governo, outros o da oposição e outros simplesmente têm os seus grupos de guerrilheiros por sua conta; há-os que mudaram de casaca e outros que regressaram ao primeiro grupo, desde que a guerra rebentou em Dezembro de 2013. A primeira lealdade de muitos generais e dos soldados às suas ordens é a sua etnia. Eles sentem-se fortes na área do seu clã; a sua ligação ao Governo ou à oposição é muito ténue. Por outras palavras, Salva Kiir e Riek Machar não falam, não decidem por si mesmos. A situação no Sudão Sul está mudar de guerra civil para anarquia. A anarquia é mais difícil de acabar porque vai unida a um profundo sentimento tribal.

Um escritor local, Jacob Lagu, advertiu que a violência no Sudão Sul está a polarizar as comunidades que dizem: "A guerra é um negócio sujo. Rebaixa-nos infalivelmente a todos nós. Rebaixa a nossa humanidade, porque com ela desumanizamos sistematicamente os nossos adversários. Estamos todos bloqueados pelas nossas histórias de vítimas. Cada lado acredita cegamente que eles é



NENHUM LUGAR PARA SE ESCONDER DAS BOMBAS

que são as vítimas de injustiças. Cada bando acredita que o seu adversário é agressor que não se arrepende. O que torna esta situação especialmente perniciosa é o tribalismo. Faz-nos associar uma pessoa com a sua comunidade. Agudiza a distância entre "nós" e "eles". Leva-nos à calamidade trágica do castigo coletivo", disse.

É claro que o Governo, agora, está numa posição de força muito maior do que quando o conflito rebentou. A etnia Dinka agora domina o exército do governo e o exército está melhor equipado do que os rebeldes. O decreto do Presidente que criou 28 distritos foi claramente intencional: colocar mais áreas debaixo do domínio da etnia Dinka. Há uma tática clara de desestabilizar áreas consideradas pacíficas durante os primeiros

anos de conflito com ataques a civis perpetrados por "soldados desconhecidos". Isso explica como Juba agora é uma zona segura ao passo que Yei está precipitado num abismo miserável dos sem-Lei. Simplesmente não se sabe quem é que luta contra quem. Ontem três autocarros com pessoal que se dirigia de Juba para o Uganda, pela estrada principal, foram atacados. O autocarro Eco, cujo dono era Dinka, foi o único a ser incendiado. Não está claro o que aconteceu mas parece que alguém identificado como Dinka foi executado ou tomado como refém. A mim parece-me que o conflito está a entrar numa fase de guerrilha contra o Governo liderado pelos Dinka. Tais situações podem durar muitos anos.

Para alguns a situação é desesperada, mas há muito boa gente que apoia e presta assistência ao povo do Sudão Sul. Podemos começar por trabalhar dando as mãos ao povo e construindo 'bolsas de paz', que depois contribuirão para que a paz se vá estendendo. O Centro de paz – o Bom Pastor – vai abrir. É uma iniciativa de várias Associações Religiosas unidas. Oferece programas centralizados na reconciliação e na unidade. Será mais um sinal de esperança, ajuda e paz duradoiras.

- Ir. Bill

PROJETO HUMILDE PARA CONSTRUÇÃO DA PAZ NA SERRA LEOA

A guerra civil na Libéria deflagrou no final de 1989. Ao longo do ano de 1990 discutiu-se muito na Serra Leoa se o conflito iria expandir-se mais além da fronteira, na Serra Leoa. A opinião geral era que tratando-se de um problema liberiano a Serra Leoa não seria atingida. Tal era a opinião do Governo, do Exército, da Polícia, do cidadão normal e dos líderes religiosos.

Para já, refugiados, em grande número, atravessaram a fronteira para encontrar abrigo na Serra Leoa. Tais refugiados foram ter às grandes cidades como Free-Town, Bo e Kenema, onde se hospedaram em casa de amigos ou de familiares ali residentes. Os que não tinham recursos constituíram acampamentos junto da fronteira e ficaram a ser cuidados por um reduzido número de membros de ONG's como UNHCR e Cruz Vermelha.

Trabalhar com os refugiados liberianos

Como nessa altura trabalhava no Centro Diocesano de Pastoral da cidade de Bo, fui abordado pelas agências humanitárias no sentido de utilizar o Centro como ponto de apoio para a distribuição de alimentos a algumas centenas de refugiados que viviam na cidade. Não vi que tal decisão constituísse problema e decidi sujar as mãos com o trabalho em favor de tais refugiados.

Em Março de 1991 começaram a circular rumores de escaramuças ao longo da fronteira liberiana no Leste e Sul de Serra Leoa. No princípio percebemos que estas 'escaramuças' tinham a ver com o comércio realizado através da fronteira com Serra Leoa uma vez que muitas mercadorias de facto eram butim roubado na Libéria e introduzido depois na Serra Leoa. Estas 'escaramuças' na realidade foram as primeiras incursões dos rebeldes na Serra Leoa, com as quais o

Brian Starken, CSSp

país não estava a contar de modo algum. Os postos do exército na fronteira desapareceram rapidamente, os soldados fugiram e os rebeldes do Exército Revolucionário Unido (RUF) tinham entrada a livre no país.

As primeiras vítimas, seriamente afetadas, foram os refugiados liberianos dos campos ao longo da fronteira. As ONG's aconselharam-nos a pôr-se a caminho e dirigir-se ao Centro de Pastoral de Bo e onde poderiam ficar! Um sábado de manhã por volta das 6,30 no mês de Abril de 1991 quando me dirigia para a igreja





EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO DA PAZ EM SERRA LEOA

paroquial, ao abrir a porta de casa, fiquei espantado ao ver centenas de pessoas ali umas sentadas, outras recostadas na varanda do Centro Pastoral e debaixo das árvores no pátio. Entrei em estado de choque. Os refugiados que regularmente tinham sido alimentados durante meses, todos eles estavam em boa forma, mais ou menos saudáveis; os recém-chegados, porém, depois de ter percorrido a pé umas 100 milhas através do mato até chegarem a Bo, estavam esgotados, macilentos, esfomeados. Ofereciam-nos um espetáculo lamentável. Disse-ram-nos que muitos outros tinham morrido pelo caminho.

Conseguimos alojar estes refugiados por algum tempo numa escola. Tínhamos alguns alimentos para eles; um médico nosso prestou assistência aos que revelavam estar seriamente doentes. Para mim esta foi uma experiência muito aterradora. Era o meu primeiro contacto vivo com a tragédia de refugiados, fugindo de uma guerra.

Nos meses seguintes, assistimos a grandes fluxos de pessoas deslocadas por causa do conflito que grassava no Sul de Serra Leoa. Eram tantas que de modo nenhum podiam ser alojadas em casas de amigos ou familiares de Bo. Vimo-nos obrigados a montar um 'acampamento de refugiados' fora da cidade.

Durante os três anos que se seguiram, ali trabalhei a tempo pleno. A maior parte

do meu tempo ocupava-o em resolver os seus problemas, um atrás de outro, relacionados com o alojamento, os alimentos, as estruturas sanitárias, os esgotos, o vestuário e a segurança para os que residentes no acampamento-uma população que rapidamente ultrapassou o número de 80.000 indivíduos.

Primeiros passos na tarefa da Reconciliação

No ano de 1994 foi-me pedido de deixar Bo e ir para Free-Town onde faria parte do Secretariado Nacional de Caritas. Cáritas Internacional estava interessada em providenciar assistência humanitária às vítimas do conflito em Serra Leoa. Trabalhei muito de perto com os Serviços de Alívio Católico (U.S.) integrado num programa de Cáritas (de S.L.). Como pessoa responsável que procura dar resposta católica a uma crise, mais de uma vez me perguntei se, como Igreja, deveríamos ocupar-nos do setor da Promoção da Paz e Reconciliação na Serra Leoa. É claro que resolver problemas materiais (alimento, casa, saúde, água e esgotos) é decisivamente importante quando cuidamos refugiados e deslocados; mas ao abordar os problemas relacionados com a construção da paz a igreja encontra-se numa posição privilegiada.

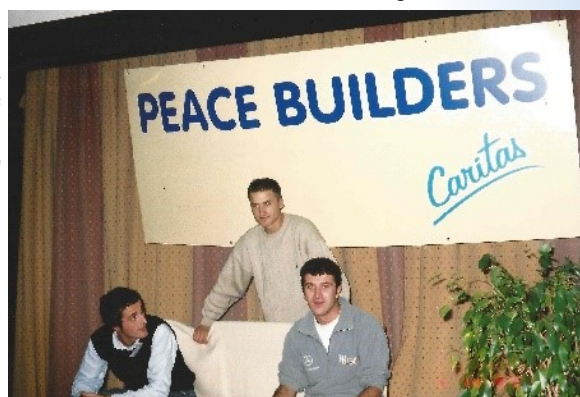
Numa reunião de Cáritas Internacional, sugeri a elaboração de um programa de Reconciliação para Serra Leoa. A resposta foi muito positiva e ofereceram-me apoio para levar avante semelhante projeto.

Consegui reunir um grupo de pessoas em Free Town, que comigo elaboraram tal projeto. Tínhamos pouca experiência do que seria a solução de conflitos mas no Grupo tínhamos pessoas muito competentes em diversas áreas do saber. Isso permitiu-nos avançar com o projeto.

Dedicámos meses para reunir material informativo sobre conflitos e as raízes que os ocasionaram e que deveriam ser abordadas, no período de reconciliação do pós- guerra.

Viajamos muito através do país e contactámos muitas pessoas residentes quer nas cidades quer nos campos de refugiados e deslocados. Convidámos líderes religiosos, políticos locais, autoridades tradicionais, membros do Exército e da Polícia, representantes da sociedade civil para que partilhassem connosco o seu ponto de vista.

O objetivo almejado por nós era que nos ajudassem a montar uma estrutura de "Formação de Formadores" acessível a todas as pessoas pertencentes à Igreja Católica no país. Tivemos a sorte de encontrar uma ONG chamada 'Recursos para a Reconciliação' cuja sede se encontra em Londres e que se ofereceu



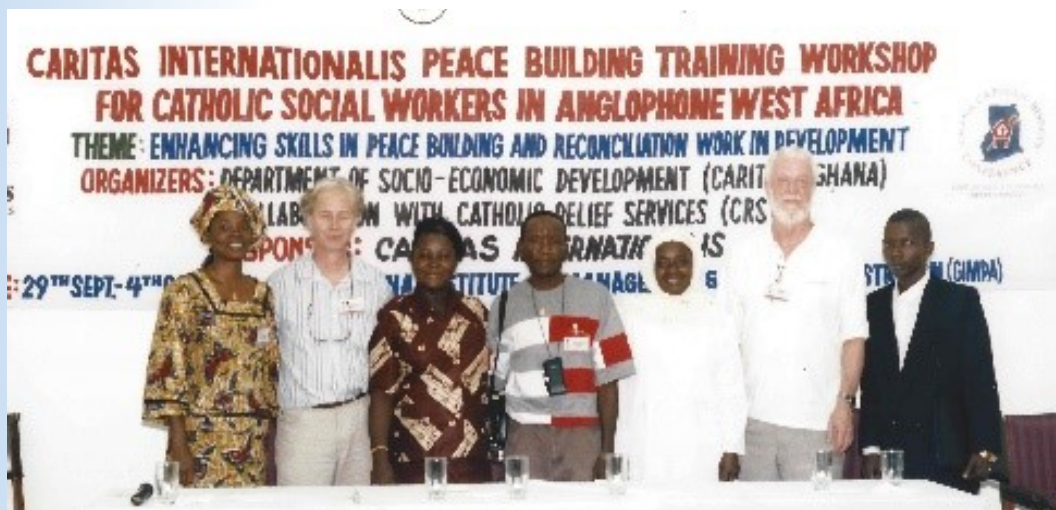
FORMADORES DE CONSTRUÇÃO DA PAZ

para nos ajudar. Ouviram falar do projeto por nós elaborado e prontificaram-se a ser os nossos conselheiros e guias ao longo das várias etapas do projeto até que pudéssemos caminhar pelo nosso próprio pé.

Levamos a efeito um curso de 6 semanas para bispos, sacerdotes e catequistas que, depois, ajudados por nós, reproduziriam o mesmo curso nas suas paróquias e não só. O programa de "Formação de Formadores" foi bastante bem sucedido a ponto de outras ONG's, do país e até do exterior virem ter connosco para organizar projetos idênticos com o fim de formar os seus colaboradores quer no campo de trabalho quer nos escritórios.

Construir a Paz com Cáritas Internacional

Cáritas Internacional na sua Assembleia de 1995, decidiu debruçar-se sobre as tarefas da Reconciliação como tarefa prioritário para o período do seu mandato, 1995-1999. Formou-se um Grupo de Trabalho, presidido pelo Bispo Francisco Cláver das Filipinas, com um representante de cada região de Cáritas. Eu fui convidado



como representante da região 'África'.

Ao longo desses quatro anos trabalhamos na elaboração do Manual da Reconciliação para os trabalhadores de Cáritas e da Igreja. Sonhávamos com um Manual prático e criativo que estimulasse iniciativas que estimulassem os membros a uma melhor compreensão do que é o conflito, a uma melhor planificação dos programas de reconciliação como parte das suas tarefas diárias e o discernimento de tarefas de reconciliação mais de acordo com o espírito de Cáritas/Igreja, com enfatizando o aspeto cultural que deveria ser tido sempre em conta no nosso trabalho.

Na Assembleia Geral de 1999 pediu-se ao Grupo de Trabalho que prosseguisse

com o seu programa. Durante os quatro anos seguintes, com a ajuda dos Serviços Católicos de Alívio e um grupo de técnicos especializados no campo da Resolução de conflitos, levámos a cabo a confeção do Manual de Formação Para a Construção da Paz de Cáritas. Trata-se de um projeto ambicioso que aborda tanto a teoria do conflito, como os exercícios práticos e os instrumentos de ensino no variado leque de trabalho em favor da paz.

A etapa final da nossa caminhada como Grupo de Trabalho, no nosso terceiro mandato, foi a implementação dos programas de formação em cada Região da Federação de Cáritas. Para mim foi uma experiência maravilhosa. Durante estas

formações pudemos contactar pessoas muito inspiradoras, servidores da Igreja em todos os níveis de tarefas, profundamente comprometidos na construção da paz nas suas comunidades e países.

Em qualquer lugar do mundo onde trabalhamos como missionários, sempre deparemos com o conflito e seremos interpelados a dar uma solução aos conflitos e a promover a justiça. Muitas vezes seremos convidados a enfrentar conflitos corriqueiros, nas nossas comunidades, mas muitos nós trabalhamos em países literalmente afundados em conflitos internos. Construir a paz é sempre um desafio. Trabalhar pela justiça é sempre um desafio. Sempre que trabalhamos pela justiça, trabalhamos pela paz.

A PRESENÇA COMO RESPOSTA HUMANITÁRIA E CONSTRUTORA DE PAZ NO MEIO DA GUERRA

Michael Kilkenny, CSSP

Cheguei a Angola no Outono de 1986. Nessa altura, a guerra já tinha sido a experiência banal de toda uma geração de angolanos. A cidade de Malanje, capital de Província no norte-centro de Angola, a uns 450 quilómetros de Luanda, capital do país, foi o destino da primeira nomeação missionária, a minha e a de outro colega. Depois de um período reservado à aprendizagem da língua local, o Kimbundu, cada um de nós ficou responsável de um grupo de pequenas comunidades cristãs, disseminadas pelo mato, que deveria visitar com frequência; dentro da cidade (Malanje) recebemos outras tantas para o mesmo fim.

Nesses meus primeiros anos em Angola, havia uma linha divisória que não se podia ultrapassar. Era a linha de fronteira entre o território controlado pelo exército do Governo e o território da UNITA. Com o decorrer dos anos, a linha divisória foi-se aproximando cada vez mais da cidade (Malanje). Em 1991, quando os partidos em conflito alcançaram um acordo que culminou com as eleições livres e legais, o território próximo da cidade ainda controlado pelo Governo não ultrapassava os 10 quilómetros. À medida que as comunidades, a mim confiadas, foram ficando dentro do território da UNITA, continuei a visitá-las, um pouco desconfiado. Esta minha visita era perigosa por duas razões: Como reagiriam os soldados do Governo, encarregados de controlar a fronteira ao ver-me visitar um território impetrável para eles? Como reagiria a UNITA ao ver-me entrar no seu território,

vindo do lado inimigo? Nessas visitas, além do serviço religioso, sempre levávamos remédios para os doentes das aldeias.

No verão de 1991, fui substituir um confrade espiritano da Missão de Cacuso, distante uns 50 quilómetros da cidade de Malanje. Cacuso e Malanje eram as únicas cidades ainda nas mãos do Governo. No meu primeiro ano, o ambiente entre as pessoas era de alívio devido à possibilidade de conseguir uma paz permanente. As estradas reabriram-se ao trânsito, os partidos políticos espalharam os seus manifestos eleitorais. Depois de a Escola Primária ter sido devolvida à Igreja, nós os missionários juntamente com as Irmãs dominicanas decidimos reabrir a Escola Primária na cidade.

Conseguimos dinheiro para a compra de 200 carteiras que encomendámos a uma fábrica de Luanda. Alugámos dois vagões de comboio para transportá-las até à Missão. A compra de novas janelas e portas ficou a cargo dos negociantes locais. Ao mesmo tempo, um benfeitor prometeu financiar a construção de um salão multiusos na paróquia para formação de líderes das comunidades. Isto incluía a aquisição de 30 camas para os candidatos das comunidades rurais que precisassem de frequentar os cursos.

As Eleições Gerais em Setembro de 1992

Vou tentar resumir as minhas atividades e as das Irmãs Do-

minicanas, agrupando-as sob estes cabeçalhos: *Aconselhamento, Respostas de Emergência e Presença.*



Aconselhamento:

Quando foi divulgado o resultado das Eleições, ou seja a vitória do MPLA, depressa se tornou claro que a UNITA, o partido que estava a ganhar a guerra, não ia aceitar a derrota saída das urnas. Depois de três semanas de conversações entre as duas forças, conduzidas pelas Nações Unidas com o objetivo de formar um novo governo, a guerra rebentou novamente.

Em Cacuso, ao longo das três semanas



de conversações, a UNITA entrou e assumiu o controlo da cidade sem disparar um tiro. Toda a província estava agora sob o controlo da UNITA exceto a capital, Malanje. À medida que a guerra se estendeu, as forças de paz das Nações Unidas apressadamente deixaram o país. Angola ficou entregue à sua sorte. Neste novo cenário político e militar, a UNITA controlava 80% do território. Mas das 18 capitais de Província só controlava duas. Quando a UNITA se instalou para governar a nossa pequena cidade, as pessoas desapareceram de noite sem deixar rasto. Soube-se que tais desaparecidos tinham participado nas eleições que tinham tido lugar na cidade. Os senhores da UNITA concluíram que tinham sido enganados quer dizer a vitória das eleições tinha sido fraudulenta; os que nelas participaram tinham de pagar tal decisão com a vida.

A população local, de etnia kimbundu, quando a UNITA assumiu o poder, permaneceu calma; mas agora temia pela sua própria vida uma vez que ninguém sabia quem seria a vítima a desaparecer. Muitos tentaram regressar para Malanje, ainda controlada pelo Governo, mas os que foram apanhados igualmente foram assassinados. Eu tive muitas visitas durante esses seis meses de delegações da UNITA, exprimindo o ponto de vista deles sobre nós os missionários: que deveríamos sentir-nos à vontade, agora que eram eles o governo; nós éramos livres de prosseguir com o nosso trabalho missionário, sem problemas. Muitas vezes lhes pedi que deixassem de produzir “desaparecidos”, mas nada consegui. Mais tarde, a UNITA fez explodir a única ponte que nos ligava à cidade de Malanje. Uma nova fronteira foi estabelecida.

Respostas de emergência: Na segunda-feira do entrudo de 1993, seis meses depois das eleições, convoquei uma reunião com as Irmãs e um número de outras pessoas para discutir a ideia de abrir a Escola Primária. Foi então que do Quartel Geral da UNITA na cidade nos chegou a mensagem de que uma vez que as forças governamentais tinham penetrado no cordão que rodeava a cidade de Malanje, e que os soldados (MPLA) provavelmente chegariam à cidade de Cacuso no dia seguinte, eles decidiram evacuar a cidade de Cacuso na manhã seguinte. Uma vez evacuado todo o seu

pessoal a UNITA pediu aos missionários que fossem com eles. Nós, missionários tínhamos duas opções à nossa frente: uma era vocacional e a outra política. Fugir significava trair o Evangelho que nos manda que, como o bom pastor, devemos permanecer com o rebanho quando virmos os lobos da guerra a aproximarem-se. A segunda opção era política. Para os missionários era essencial permanecer neutrais numa guerra civil e tratar o povo dos dois lados da mesma maneira. Finalmente, a nossa sobrevivência dependia da nossa neutralidade. Tal opção tinha de ser provada. Este foi o teste. Nós decidimos ficar sem mais. Ao cair da noite não havia alma viva na cidade e podíamos ouvir até o cair de um alfinete.



PADRE M.AFR. EVANGELIZANDO OS SOLDADOS

Tal como previsto, o ataque chegou de manhã. Durou três ou quatro horas uma vez que foi fácil aos soldados do governo comprovar que a UNITA não estava a guardar a cidade. A meio da manhã algumas pessoas vieram à Missão entregar uma menina de 8 anos e um rapazito de 5 e um bebé de 6 meses de idade. Os respetivos pais tinham sido mortos fora da sua casa, provavelmente por terem sido identificados como Umbundu, predominantemente ligados à UNITA. Abri o portão da Missão e as diversas casas do interior para as pessoas que fugiam com medo das suas vidas por causa do que estava acontecer na cidade. A man-tança continuou durante o dia seguinte. A cerimónia da imposição da cinza teve lugar às 16h. da tarde. Fora dos barracões da missão, no mercado uma dúzia de metros de distância, as pessoas eram assassinadas com regularidade e algumas até queimadas. Nunca antes a liturgia e a vida se tinham entrelaçado tão intimamente!

Inesperadamente, na manhã seguinte, a UNITA lançou um contra-ataque para

retomar a cidade. Apressámo-nos a abrigar-nos num canto da casa da missão, à medida que a batalha progredia. Finalmente a UNITA desanimou de retomá-la. Houve muitas mais mortes entre os civis e ao mesmo tempo a missão enchia-se com as pessoas traumatizadas por causa da guerra. Na semana seguinte reuni todos os catequistas que consegui encontrar e dividimo-nos em grupos de três para sepultar os mortos para evitar epidemias. No entanto ainda havia milhares de pessoas nas suas casas e pouco felizes por as suas tropas terem resistido ao ataque da UNITA. Com o decorrer dos dias, os catequistas vieram dizer-me que, de noite, eles puderam ouvir o som de camiões nos arredores da cidade. Era claro que a UNITA estava a preparar um

outro ataque mas ninguém sabia quando é que isso iria acontecer. Mas veio: de manhã, uma semana depois do primeiro ataque. Ao meio dia já tinha conseguido que todos os soldados e pessoas fugissem. Quando uma bomba rebentou na varanda da missão, abrimos todas as portas onde havia gente e abrimos também a igreja para que nela se pudessem abrigar. Rapidamente algumas centenas mais vieram para a missão em busca de refúgio. Muitos continuaram a caminhada em direção a

Luanda, a uns 450 quilómetros de distância.

Na manhã seguinte entrei na igreja e pude observar o espetáculo na frente dos meus olhos. Havia montes de pessoas tratando de ocupar o espaço disponível, aterrorizados e vulneráveis. O que era uma casa normal de oração estava transformada num acampamento de refugiados. Os ocupantes estavam cansados esfomeados traumatizados pelo que tinha acontecido no dia anterior. Ao perguntar-me o que devia fazer perante tal situação, chega (Irmã) sacristã. Imediatamente sugeriu que retirássemos o Santíssimo Sacramento do sacrário, apagássemos a lâmpada. A minha resposta imediata foi “não”; na verdade estávamos num lugar privilegiado onde o nosso Deus, como nos revelou Jesus, queria ser encontrado entre os pobres e os oprimidos, os abandonados e perdidos. E era agora que íamos retirar a “Presença Real (de Jesus) de maneira que o nosso Deus não se visse perturbado com esta situação caótica?

Presença Missionária

Avancemos agora para o ano 2004, dez anos mais tarde. O nosso Capítulo Geral que teve lugar em Lisboa, Portugal nesse ano. Usamos um fim de semana em Fátima como parte do nosso programa. A Irmã Superiora Dominicana que vivia em Cacuso e viveu aquela guerra agora estava de regresso a Portugal. Organizou uma reunião com certo número de famílias que se tinham refugiado na missão e agora viviam em Portugal como na sua nova pátria. Passámos horas e horas recordando o que tinha acontecido. Enquanto nós os missionários estávamos bastante contentes pelos serviços insignificantes que tínhamos prestado à comunidade durante a guerra, os Angolanos tinham uma visão diferente. “Ouça, padre”, recordaram eles”, já pensou que, para o povo, o que vocês fizeram foi maravilhoso, mas para eles o contributo

mais apreciado foi o facto de vocês decidirem ficar com eles”. A vossa presença significava que a UNITA não podia fazer o que lhes passasse pela cabeça. A vossa presença foi um freio à sua crueldade”. Eu nunca tinha considerado a presença como parte de uma resposta humanitária. Foi boa e razoável e saudável a nossa decisão de ter ficado em Cacuso. Noutras guerras, como por exemplo na Serra Leoa ou talvez atualmente no norte da Nigéria com o Boko Haram, ficar com o povo quer dizer acompanhar o povo na sua fuga. Ali não se pode aconselhar a ficar para trás.

Quando finalmente o Governo regressou a Cacuso em 1994, organizaram uma manifestação no centro da cidade logo no dia seguinte. Publicamente agradeceram aos missionários o facto de

terem ficado com o povo. Para eles, nós tínhamos aprovado o teste da ‘neutralidade’. Fomos julgados, pelo menos pelo exército do Governo, como pessoas que não tinham tomado partido no conflito.

A guerra em Angola finalmente acabou em 2002 quando o líder da UNITA foi morto numa emboscada. Na verdade, a UNITA estava cansada com a guerra e a sua moral tinha descido a um nível baixo. Para um povo crucificado, o provérbio africano muito conhecido tinha sido na verdade vivido. “Quando dois elefantes lutam, a relva é que sofre”. Apesar da nossa presença ter sido julgada como ‘neutra’, sob o ponto de vista religiosos, crendo em Deus, aquele que se atreve a sujar as mãos, nunca é neutro na sua presença.

MINISTÉRIO PASTORAL EM ZONAS DE CONFLITO

John Kingston, CSSp.



A minha primeira nomeação missionária foi para a nova Província de Angola, fundada oficialmente em 1977. Cheguei lá a 21 de Dezembro desse ano. Dezas-seis anos mais tarde, em 1992, regressei à Irlanda, a minha província de origem, para ocupar-me do trabalho da Formação. Dos 15 anos passados em Angola, 14 anos foram passados em contexto de guerra. Em 1991 tivemos um ano de respiro, isto é sem guerra. Em 1984 a guerra alastrou-se estava cada vez mais na Província e diocese de Malanje onde eu trabalhava com outros jovens espiritanos.

Fiz parte de uma equipa internacional de quatro confrades. A pedido do bispo da diocese, devido à falta de sacerdotes, o território a nosso cargo correspondia a metade da diocese. Ao mesmo tempo ficámos responsáveis pelos Cursos de Formação de Catequistas que tinham lugar em casas da paróquia da Sé Catedral. Visitávamos ainda as comunidades confiadas aos catequistas por nós forma-

dos. Foi um trabalho muito interessante e muito gratificante.

Em 1984 quando a UNITA estava bastante afinhada no território de Malanje, as estradas tornam-se perigosas. Os catequistas sentiam-se constantemente ameaçados pelo barulho dos aviões “MIG”, que sobrevoavam as suas cabeças. Mesmo na cidade sentiam-se preocupados pela sorte das suas famílias e comunidades, deixadas lá no mato. Fomos obrigados a interromper os cursos e enviá-los para suas famílias. Continuámos, no entanto, a visitar as suas comunidades. Dizia-se que os utentes das estradas, nessa altura eram pessoas que pertenciam a um dos três grupos, começados por “M”: Militares, Malucos, Missionários. Em muitas das missões, as Irmãs de acordo connosco, eram as primeiras responsáveis. Nessa altura, algumas das Irmãs tiveram de mudar de residência a conselho do bispo ou das Superiores da respetiva congregação. Três espiritanos residíamos na Missão de Kiwaba Nzoji. P. João Kuvalala, (angolano), Jean Etienne wosniak (francês) e eu (irlandês). Mais tarde, em Abril de 1985, recuámos e fomos residir para a catedral de Malanje. Quando vivíamos a 100 quilómetros da cidade de Malanje, muito longe da era dos telemóveis, eu fui da

opinião de que devíamos estar o mais afastados possível da cidade de Malanje, em Kiwaba Nzoji, mas com a possibilidade de poder decidir quando nos retiraríamos. Quando, de facto isso veio a acontecer, as cidades vizinhas começaram a ser atacadas pela UNITA e ninguém, a não ser nós, pernoitava nas aldeias. Quatro dias depois da nossa retirada, a aldeia foi severamente atacada, incluída a nossa residência. As pessoas ficaram surpreendidas com a nossa retirada, mas mais tarde compreenderam que a nossa decisão tinha sido correta: a de permanecer durante o tempo possível e retirar-nos, depois, quando teve que ser.

A quando da nossa chegada a Malanje, o bispo, D. Eugénio Salesu não se encontrava na cidade. Só regressou na sexta-feira à noite. No sábado de manhã fomos ao seu encontro para informá-lo da nossa decisão de retirar-nos de Kiwaba Nzoji.



Ele ficou surpreso com o nosso comportamento: tomar uma decisão tão grave sem ele ter participado no processo. Uma hora depois deste encontro, um mensageiro, vindo de Kiwaba Nzoji, de bicicleta, informou que a povoação tinha sido atacada de noite. O Sr. bispo ficou um pouco mais contente com a nossa decisão. Acontecimentos posteriores permitiram-me descobrir porque é que o bispo teve dificuldade em aceitar a nossa decisão. D. Eugénio, agora já falecido, pertencia à etnia dos Ovimbundu, fortemente associada a Jonas Savimbi, o fundador da UNITA. Em Malanje havia quem quisesse assassinar o bispo. O Governador da Província, (ele mesmo tinha abandonado o exercício do sacerdócio), foi ter com o bispo para lhe comunicar que tinha um avião pequeno, já preparado para o levar para Luanda a fim de o proteger. O bispo respondeu que ele continuaria na sua casa, continuaria a usar batina; se o quisessem assassinar, ficariam a saber que tinham assassinado o seu bispo. Este ato de coragem da parte do bispo explica o porquê da sua dificuldade em compreender a nossa decisão de (nos retirarmos). Um mês mais tarde, no domingo de Pentecostes, o P. Jean Étienne Wozniak e eu, fomos a Kiwaba Nzoji celebrar a Eucaristia, tal como tínhamos prometido. No regresso caminávamos numa emboscada. Jean Étienne teve morte instantânea. Eu fiquei ferido por quatro balas. Fui sequestrado e mantido preso durante dez dias, mudando constantemente de sítio.

Nesta altura grandes mudanças tinham acontecido no trabalho pastoral da maior parte da diocese. Os catequistas, na sua maioria já tinham frequentado os nossos Cursos de Formação. Eles eram os responsáveis das tarefas pastorais importantes nas respetivas áreas, antes reservadas aos sacerdotes como administrar o batismo, etc. Muitos permaneceram fiéis nos seus postos. Catequistas houve que, perante o êxodo em massa dos cristãos para as cidades, por razão de segurança, acompanharam os seus cristãos. Muitos permaneceram fiéis aos princípios morais recebidos. Alguns, por fraqueza, deixaram-se corromper. A animação pastoral, agora, continuou, mas por correspondência. Na diocese de Malanje o P. Ducrot criou uma revista a que deu o nome “Carta às Comunidades”. Inspirou-se na revista ‘Vida Nova’ de publicação mensal na diocese de Nampula em Moçambique. Esta revista, por norma, reser-

vava uma página para o bispo. Na Carta que circulava pela diocese vinham reflexões sobre a liturgia dominical e até sobre a saúde e os remédios que podiam conseguir-se, tirados de plantas e ervas. O que mais nos espantou foi o facto de esta revista, mesmo em tempos tão difíceis, ter conseguido chegar aos destinatários, em toda a diocese. As pessoas sentiam-se felizes em possuí-la e os que a recebiam estavam confiantes de que a receberiam na altura devida. As notícias que circulavam na diocese contribuíram para estimular o povo na sua caminhada, apesar das muitas dificuldades do caminho.

Depois da emboscada que me feriu, logo que pude, viajei até Irlanda para tratar de recuperar-me. Na primeira semana da minha estadia em casa, o Provincial quis escolher-me para membro do Conselho Provincial. Eu insisti que era importante



o meu regresso a Angola. O meu pai ficou desfeito ao saber que tinha tomado a decisão de voltar a uma terra, onde tinha sofrido tanto, recentemente. Na minha juventude eu tinha aprendido a montar cavalos, porque meu pai tinha uma quinta com cavalos. Ele tinha-me ensinado que após uma queda do cavalo, deveria levantar-me imediatamente para acalmar os nervos. Tive a inspiração de lhe dizer que com a minha decisão de voltar para Angola, estava a seguir o seu conselho. Viu-se apanhado e não insistiu.

Depois do meu regresso a Angola fui transferido para o Huambo, mais para o Sul, por precisarem de alguém para a formação de espiritanos. Nos primeiros cinco anos da minha estadia no Huambo cada semana acontecia um ataque sério. Amigos e até confrades foram assassinados. Ali cumpria-se o refrão dos três “M”(Militares, Malucos, Missionários) que se atreviam ir para a estrada. Sacerdotes, Irmãs e catequistas arriscavam as suas vidas para manter contacto

com as comunidades isoladas do mato. Muitos pagaram com a sua vida a sua generosidade. Sendo a fome o alimento diário no Huambo, o trabalho de Cáritas era muito importante. Eu costumava ajudar a descarregar as mercadorias dos aviões no aeroporto e conseguia para mim uma porção de milho e outros alimentos. Parte destes produtos eram enviados pelo P. Argemiro Geraldo, nosso Procurador, em Luanda. Em consciência eu sentia-me obrigado a partilhar os alimentos recebidos com os pobres que pediam à nossa porta. Alguns dos nossos confrades permaneceram nas suas missões, isolados no mato; poucos podiam vir até à cidade. A guerra não parava, mas eles continuaram a servir o povo. Alguns como o P. Afonso Moreira no Bailundo pagaram este serviço com as suas próprias vidas. A Igreja sobreviveu. O Ministério pastoral ressentiu-se muito destes condicionamentos.

Uma vez no Sábado Santo o Sr. Arcebispo acendeu o círio da Vigília Pascal às 16h, por causa do povo impedido de caminhar durante a noite. O trabalho da Formação prosseguia mas com perigos. Um dia, uma caravana de carros que transportavam seminaristas de Benguela para o Huambo, depois das férias, caiu numa emboscada. Alguns dos seminaristas foram assassinados. Isto levou o Bispo de Benguela, donde provinham muitos dos seminaristas, a construir o seu próprio seminário em Benguela.

A UNITA tinha o seu quartel general na Jamba na parte oriental-sul do país (terra do fim do mundo). Alguns sacerdotes conseguiram dar o salto até lá para servir as populações. O nosso confrade P. Bernardo Bongo foi nomeado Vigário Episcopal para os cristãos dessa área e ali passou alguns anos. Outros confrades foram trabalhar com os refugiados angolanos nos países vizinhos (por exemplo, na Zâmbia).

Um episódio digno de ser registado foi o de “Os 55 dias de cerco do Huambo”, quando os nossos jovens confrades em formação, ao encontrar-se no grande edifício do Colégio do Espírito Santo sem diretores, por estes terem sido impedidos de regressar ao Colégio, por sua iniciativa se organizaram entre eles mesmos, criando uma hierarquia para dar resposta às situações de emergência à medida que elas apareciam. Desempenharam um papel notável enfrentando mesmo os que vinham para os atacar. Há muitas histó-

rias de grandeza de alma, coragem, maturidade e respostas criativas em tempos terrivelmente difíceis.

Moçambique

No ano 2.000, encontrando-me em casa dos meus pais descansando e preparando-me para ir para Moçambique, as inundações encheram o écran das televisões de todos os canais. Até pudemos ver uma senhora que deu à luz em cima de uma árvore. A minha mãe perguntou-me: “E tu vais para lá?”. Respondi: “Mãe, aqui não é guerra”. Ficou satisfeita com a minha resposta. Neste momento uma nova guerra está a acontecer em Moçambique e uma das áreas escolhida pela Frelimo e Renamo como terreiro de batalha é o distrito de Barué onde está situada a nossa paróquia. A RENAMO, o maior partido da oposição, está em guerra com a FRELIMO que tem governado Moçambique desde 1975 até hoje. A RENAMO, porque nas últimas eleições conseguiu bons resultados em muitas partes do país, agora quer ser ela a governar nesses territórios. Os dirigentes da RENAMO acusam a FRELIMO de ter falsificado os resultados das eleições.

Embora não se possa falar de guerra aberta, em todo o território, tem havido batalhas travadas sobretudo nas estradas que cruzam o país no sentido transversal, do interior para os portos do oceano Índico, em particular o porto da Beira. A estrada principal (nº7) atravessa diretamente o distrito do Barué e, portanto, a nossa paróquia, está sempre muito ocupada e cada dia duas grandes filas de camiões passam por ali sempre escolta-



UMA DAS MUITAS PONTES DESTRUIDAS DURANTE A GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE

dos pelo exército. A tática é deitar fogo aos camiões provenientes do Malawi e da Zâmbia, por os seus donos terem ameaçado não utilizar as nossas estradas, se elas não forem protegidas. Ao mesmo tempo há muitos assassinatos cometidos por pessoas de ambos os bandos. Isto gera o terror entre a população.

O resultado é que muitas povoações onde havia comunidades cristãs, estão a ficar desertas ou ocupadas por militares. Toda a nossa atividade pastoral nestas comunidades está parada porque o povo fugiu. Nalgumas povoações maiores ou nas cidades, as pessoas vão aguentando. Foi para admirar que durante a visita pastoral do nosso bispo, este ano, ele tenha falado à vontade sobre os muitos problemas que assolam o país, incluindo o conflito atual, mas sem favorecer nenhum dos bandos em guerra. No fim da homilia tentou dialogar com as pessoas, convidando-os a dar as suas opiniões, mesmo que não estivessem de acordo com o que ele tinha dito. Na maior parte das comunidades o resultado foi o silêncio absoluto. Esse silêncio revela o medo que as pessoas têm de ser denunciadas por pertencer a um partido ou

ao outro. Esta situação prova a desconfiança que existe no coração das comunidades. As pessoas estão cansadas e muitas têm medo de ir trabalhar para os campos, o que vai provocar fome, mais tarde. Agora mesmo, devido à guerra, à crise económica e à seca, as pessoas estão tristes e cansadas.

Constantemente rezamos pela paz e convidamos os partidos em conflito a acabar com ele. É triste constatar que para os missionários é mais fácil sentir-nos seguros quando nos deslocamos para as comunidades, mes-

mo as mais distantes, enquanto que para o nosso povo deslocar-se de uma comunidade para a outra ou vir às reuniões organizadas ou convocadas por nós é um quebra-cabeças. Os habitantes das comunidades distantes, do distrito de Macossa por exemplo, não se atrevem a viajar por causa das suspeitas de que os militares tenham por princípio “na dúvida, matar”. É triste verificar que aqui alguns jovens foram assassinados por não terem a sua documentação em dia. Um ponto forte da nossa abordagem pastoral é o apoio às pequenas comunidades cristãs; por elas serem do lugar, funcionam mais ou menos como sempre.

Se quisesse resumir o que penso sobre a minha situação aqui e agora, depois de ter sofrido emboscadas e assassinatos de missionários em Angola, concluo que Deus podia ter inventado outra maneira de ajudar as pessoas precisar de nós. Mas Ele quis que fôssemos nós a colaborar neste seu plano divino. Que privilégio esta nossa vocação! A nossa resposta tem mesmo de ser a de sentir-se privilegiado e dar graças.

A PRELAZIA DE TEFÉ: COMPROMISSO COM A VIDA E O MEIO AMBIENTE



Dom Mário Clemente Neto, CSSp

Em abril de 2017 comemoraremos 50 anos da chegada a Tefé do espiritano Pe. Joaquim de Lange que viria a ser o primeiro bispo da Prelazia. Rememorando sua contribuição para esta missão, cresceu a nossos olhos o quanto ele realizou pelo povo dessa região na promoção da dignidade humana, no salvar tanta gente de situações miseráveis, de precariedade de saúde e educação. Esta, graças a Deus tem sido a característica da pastoral da Prelazia de Tefé. A caminhada desta missão espiritana - comprometida com a pessoa humana e seu desenvolvimento integral no centro da Amazônia - levou-a, como um processo natural ao compromisso em defesa da natureza e do Meio Ambiente.

Uma Igreja do lado do povo

Logo após o Concílio Vaticano II – no qual D. Joaquim participou de todas as sessões - aconteceu uma assembleia geral do episcopado da América Latina em Medellín na Colômbia. Aí os bispos procuraram aplicar as decisões do



Concílio na realidade da América Latina, fazendo uma opção preferencial pelos pobres. Em 1972, o episcopado da Amazônia brasileira reuniu-se na cidade de Santarém para acertar os passos com a caminhada da Igreja. Decidiram que “a criação de Comunidades Cristãs de Base tem que ser um dos objetivos primários da pastoral amazônica”, promover a “diversidade de ministérios”, lutar pelo “desenvolvimento integral do homem”, “apoiar decididamente este órgão providencial que é o CIMF” (Conselho Indigenista Missionário). Logo a seguir Tefé e as Prelazias vizinhas iniciaram um programa de atualização dos agentes de pastoral: padres, religiosos e leigos. Em Tefé organizou-se a preparação de ministros para as celebrações dominicais; foi fundada a Rádio Educação Rural e trazido o Movimento de Educação de Base (MEB) para alfabetização e educação dos ribeirinhos. Chegando em 1980, encontrei esta estrutura básica já colocada.

Uma fé comprometida

Antes de ir para Tefé como bispo, estava no centro-sul do Brasil, trabalhei na diocese de Divinópolis/MG, que se dedicava à formação de comunidades na zona rural: cursos e subsídios para Dirigentes de Celebrações, presidentes, tesoureiros, agentes de saúde, etc. O Leigo assumia seu lugar na Igreja. Por esta época a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tomava cada vez mais uma atitude de resistência à ditadura militar que governava o país, apoiava os movimentos sociais, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) socialmente ativas e consideradas como um novo jeito de ser Igreja.



Em S. Paulo onde trabalhei por três anos, D. Paulo Arns corajosamente praticava uma pastoral de defesa dos direitos humanos. Daí, fui nomeado para Tefé onde encontrei este mesmo clima de Igreja participativa, ministerial e libertadora. Nos conselhos e nas assembleias fomos definindo as metas.

No interior, incentivávamos o agrupamento das moradias para facilitar melhorias de vida: escolas para crianças e adultos, gerador de energia elétrica, serviços de saúde, etc. Como a sustentação da Comunidade: A organização de uma Diretoria, Conselho Comunitário, a Celebração Dominical, Grupos de Reflexão Bíblica. Para estes grupos produzíamos um subsídio que chamamos de “Ajuri da Palavra de Deus” por ser destinados aos que se reuniam para ler a Palavra de Deus em ajuri. Ajuri é o nome indígena dos mutirões tradicionais que realizavam para ajudar alguém no preparo do terreno para o plantio ou para fazer uma roça comunitária para conseguir recursos para algo comum.

A Bíblia e a Vida

A leitura bíblica nos ajuris tinha dois momentos: no primeiro procurava-se entender o que a Bíblia dizia (Palavra de Deus na Bíblia), no segundo procurava-se aplicá-la à vida (Palavra de Deus na Vida). Aí, discutiam-se as situações da vida, tanto pessoais como comunitárias e conjunturais. As decisões tomadas tinham a característica de serem discutidas e partilhadas comunitariamente e de se-

rem apoiadas na fé e, portanto, bem firmes. Sentiam-se também apoiados pela Prelazia, pela Igreja. Neste processo foi muito importante à atuação de um organismo da CNBB, o MEB, que além da alfabetização dava formação e esclarecimentos sobre os mecanismos do funcionamento da sociedade, sobre os direitos do cidadão.

A Preservação dos Lagos

Foi nos grupos de Reflexão Bíblica (Ajuri) que nasceu a consciência da necessidade de enfrentar os problemas que afetavam suas vidas como a pesca predatória por grandes barcos dos frigoríficos. Eles capturavam peixes grandes e pequenos. Depois descartavam os pequenos e de menor valor comercial que depois de maltratados nas redes, não sobreviviam. Pior ainda, quando encontravam um cardume de peixes de maior valor, jogavam no rio toneladas dos que tinham a bordo, causando uma podridão insuportável. As comunidades, logo começaram a sentir a falta do peixe que é a base de sua alimentação.

As Comunidades geralmente ficam nas proximidades de um lago do qual dependem para sua alimentação. Começaram por defender estes lagos e também a preservar outros para a procriação em lugares mais afastados onde evitavam entrar ou exercer atividades que pudessem afugentar os peixes. Outros eram considerados livres para a pesca comercial. O espiritano Ir. Falco Michiels foi muito importante neste movimento, sofrendo até ameaças de morte.

Sustentação Jurídica

A luta foi difícil: O amparo legal era fraco, os empresários da pesca pressionavam as autoridades. Os comunitários continuavam montando guarda dia e noite nos lagos, mas o que fazer quando insistiam na invasão? Às vezes chegavam a colocar as canoas com as famílias, na frente dos grandes barcos para impedi-los de entrar e chegavam mesmo a tomar os utensílios de pesca de pequenos invasores. Levavam-nos para o delegado de polícia na cidade, mas este não sabia como agir. Houve algumas prisões. Para achar uma solução, houve duas frentes de esforços: por um lado, batalhar por novas leis e regulamentos; por outro, descobrir toda saída jurídica já existente.

Na década de oitenta, depois de 20 anos de ditadura militar, houve uma mobilização



regime de verdadeira escravidão mesmo depois da tardia abolição da escravatura no Brasil. Em 1980 quando cheguei à prelazia, a situação não era muito diferente, ainda agravada pela desvalorização da borracha. O antigo proprietário do seringal foi substituído pelo “regatão”- dono de barcos que subiam os rios comprando borracha e

para uma nova constituição. A Igreja, animada pela CNBB, procurou incentivar toda a sociedade a participar, não para privilégios para si própria, mas conseguir melhores condições jurídicas para uma sociedade mais justa, com oportunidade para todos. Em nosso caso, apresentamos emendas que defendessem a preservação e o uso adequado da natureza, unindo-nos a outros setores e movimentos com causas semelhantes: os indígenas, os afro-descendentes, os sem-terra, etc. Esse trabalho foi também intenso quando se tratou das constituições (leis orgânicas) estaduais e municipais.

Agentes Ambientais Voluntários

Em outra frente de luta, com o suporte de algumas organizações, a prelazia mantinha uma assistência jurídica que atendia as causas da zona rural, dos índios e outras. Promovíamos a formação de monitores jurídicos que, na falta de advogados, davam assistência aos preservadores e outros junto aos tribunais, ajudavam na obtenção de aposentadorias para os idosos e deficientes. Esta mesma assistência jurídica, com esforço do Dr. Claudemir Queiroz, organizou cursos para comunitários preparando-os para atuarem na defesa dos lagos e do meio ambiente.

Este trabalho de preservação tornou-se conhecido em várias partes da Amazônia por causa de encontros e assembleias regionais. Equipes da prelazia e a assistência jurídica eram chamadas para assessorar organizações em outras regiões. Recebemos em nossos cursos, agentes ambientais do Alto Solimões, de Coari, Lábrea e Manaus. Foram formados 1.555 agentes, segundo dados do Dr. Claudemir. Mais tarde, este método foi levado para outras partes do Brasil pelo próprio órgão de meio-ambiente do governo.

Os Extratores da Borracha ou Seringueiros

A extração da borracha aconteceu num

abastecendo os seringueiros do que precisavam. O seringueiro não tinha alternativa, o regatão colocava o preço na borracha e nos produtos que vendia.

A Prelazia fez um convênio com uma organização para dar assistência aos índios e ribeirinhos das regiões mais afastadas. Entre os vários que vieram, estava um grande lutador pela justiça social, o Pe. Egon Heck. Ele foi conviver com os seringueiros dentro do rio Jutai e lá, refletia com eles sobre a situação, procurando possíveis saídas. Resolveram organizar-se sob forma de sindicato. As distâncias eram enormes e o único transporte era a canoa a remo. Formaram então grupos em cada trecho do rio e construíram casas para os encontros usando o material disponível: madeira, cipó, palha de palmeiras. Cada família trazia sua rede de dormir, utensílios de pesca e farinha para a alimentação. No meu primeiro ano na prelazia, subi o rio com algumas lideranças indígenas e sindicais para a inauguração das várias sedes do sindicato. Uma viagem de 170 h. e mais de 1.700 km. Houve festa, alegria e esperança, tendo muitos, viajado dois dias de remo para chegar.

O sistema sindical foi muito importante para a formação e conscientização, mas não tinha força de pressão sobre os “patrões” porque não havia uma relação de empregador e empregado. Era uma relação comercial, autônoma. Quando pressionado, o regatão simplesmente deixava de subir o rio e os seringueiros não tinham como sobreviver. Mais tarde, pude pessoalmente sentir a vulnera-

bilidade em que se encontravam. O governo federal, num esforço de controlar a inflação no país, decretou que a margem de lucro dos comerciantes fosse limitada a um certo percentual. Por causa disso, os regatões deixaram de subir o rio. Na minha visita, encontrei uma situação desesperadora. Por exemplo, cada noite uma pessoa tinha de ficar acordada para não correr o risco de o fogo apagar-se, pois não tinham fósforo e os vizinhos moravam longe.

Foram procuradas outras soluções para os seringueiros como a agricultura, porém as distâncias até os centros consumidores eram absurdas. Visitei um agrupamento desses a que estava com uma safra grande de farinha, mas a distância até a sede do município era de cinco dias de viagem e as despesas do transporte eram maiores do que o valor do produto.

As Reservas Extrativistas

No estado do Acre, sul da Amazônia, Chico Mendes um grande líder dos seringueiros, propunha a criação de Reservas Extrativistas em que os moradores colheiam os produtos de maneira metódica, sem destruir o meio-ambiente. O espiritano Pe. João Derickx grande lutador a favor dos ribeirinhos do rio Juruá participou dos encontros a respeito e trouxe a idéia para a prelazia. Patrocinamos a criação de várias reservas nos rios Juruá,



Jutai e Solimões.

Nos planos de criação destas Reservas Extrativistas, havia boas perspectivas. Algumas aconteceram: os lagos mais bem classificados, encontros de formação; cada ano uma quota pode ser retirada e comercializada, há uma ajuda nos períodos de defeso ou entressafra, etc. Por outro lado, esta pesca tem que ser feita em poucas semanas e por isso são obrigados a vender o peixe por um preço muito baixo. A prometida extração sustentável da madeira que era uma grande esperança, depois de mais de 20 anos

nunca funcionou. A legislação sobre as reservas foi redigida por técnicos muito distanciados da realidade e guiados por um ambientalismo que eu chamaria de fanático. No conselho de uma reserva do qual participo, temos batalhado sem resultado para obter a aprovação de algum plano de manejo da madeira. Só foi aprovado o uso de madeira caída, árvores mortas. Montou-se uma oficina para fabricação de objetos de marchetaria. Para isso é necessário entremear madeira de âmago e madeira branca. Conseguir madeira branca é proibido, pois não se pode derrubar árvore! Para fazer uso da madeira morta, é preciso trazer de Manaus (a mil kms) um técnico com aparelho de GPS, marcar as coordenadas, registrar cada pau, e então fazer uma requisição que não se sabe quando vai ser aprovada!

Outros Modelos de Preservação

Além do modelo de Reservas Extrativistas, há outros tipos de reservas como as Reservas Biológicas, a Floresta Nacional, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável e outras. As práticas nascidas nas comunidades da Prelazia de Tefé foram muito importantes para todos estes

modelos criados em nossa área. Além da organização e formação das comunidades, vemos com satisfação que as principais lideranças nesse trabalho são aquelas formadas pela Prelazia. Mostram uma grande capacidade e experiência em organização comunitária, no trato com autoridades, na discussão em grupos e assembleias.

Vale também dizer que, como foi valiosa a presença dos espiritanos em todo o processo da caminhada da preservação ambiental, percebe-se a importância de seu empenho nas fases atuais. Sua contribuição se faz necessária para que este processo seja fecundado pelos valores cristãos. Entre

esses valores lembramos, sobretudo o respeito à pessoa humana, o cuidado para que os benefícios sejam para todos e não só para pequenos grupos de privilegiados. É fácil perceber interesses próprios de grupos econômicos e países por trás de vultosos aportes financeiros que fazem para entidades supostamente ambientalistas. A contribuição cristã dos espiritanos é indispensável nesta causa.



DIÁLOGO INTERRELIGIOSO

O NOSSO TEMPO:

IDADE SECULARIZADA MAS SÉCULO DE DEUS

Bill Headley CSSp



Numa viagem de pesquisa na Tailândia em 2012, encontrava-me eu, de pé numa ponte sobre um pequeno rio, que corria entre dois mosteiros hindus dos mais conhecidos. Lá em baixo havia um grupo de pessoas envoltas de um corpo que jazia coberto com uma colcha. O defunto descansava num estrado metálico de alguns palmos acima do solo. Acendida uma chama que lhe prendeu fogo, seguiu-se a cremação.

Desde tempos imemoriais, seres pensantes têm meditado na trajetória da vida: Nascemos, amadurecemos, experimentamos alegrias e decepções ao longo da nossa vida tornamo-nos idosos e eventualmente morremos. É então que se levanta a pergunta desafiante: “será isso, tudo o que a nossa existência nos oferece?”

As religiões são instituições associativas de que as pessoas se servem quando confrontadas por semelhantes imponderáveis. Desde os séculos 17 e 18, devido às chacinhas da modernidade, as tradições de fé parecem, gradual e inevitavelmente, estar a perder a sua posição de árbitros. Peter Berger, famoso sociólogo da religião, dos Estados Unidos, profetizou que no século 21 os crentes religiosos

poder-se-iam encontrar eventualmente mas só em seitas minoritárias, bem encostados uns aos outros para resistir à maravilha cultural da secularização.

Os acontecimentos não têm ocorrido da maneira como Berger e outros peritos tinham garantido como certos. Sem dúvida, o Ocidente viu crescer o secularismo. Mas essa característica do Ocidente não serve de barômetro para o resto do mundo.

RESURGIMENTO DA RELIGIÃO

Nos últimos 40, 50 anos, a religião, a nível mundial, foi sujeita a um abalo sísmico. De acordo com o estudo do Centro de Pesquisa

(de 2012): “O Panorama Religioso Global”, os aderentes a uma religião, globalmente falando, saltaram de 50% em 1900, para 64% em 2000: ” A nível mundial, em cada grupo de dez pessoas mais de oito identificam-se como pertencentes a um grupo religioso”. Tal crescimento, é claro, poderá ser atribuído à dinâmica da demografia.

TEOLOGIA POLITICA

Durante este período de crescimento, a religião deixou de ser considerada ‘devoção privada’ para se transformar em motivação para a ação pública e política. Nestes últimos anos, temos visto atores religiosos sair dos seus lares e locais de culto, privados, para participar em celebrações multitudinárias servindo-se dos meios de comunicação e dos foros públicos.

TECNOLOGICAMENTE CONHECIDO

Houve quem pensou que os meios modernos de transporte, a comunicação, a transferência financeira, fizessem com que os crentes lançassem as suas tradições de fé no cesto do lixo, apagando-os da sua história. Em vez disso, os atores religiosos e os grupos religiosamente motivados têm utilizado tudo isso como instrumentos efetivos da sua própria expressão, do seu recrutamento e da intimidação. A tragédia sofisticada do ‘onze de Setembro’, por desgraça, testemunha isso mesmo.



CERIMÔNIA DE CREMAÇÃO HINDU

A religião e os atores religiosos encontram-se profundamente entrelaçados nos movimentos do nosso tempo. Os doutores universitários recusam-se a classificar os conflitos (inevitáveis?) como ‘religiosos’ por natureza. Também não aceitam explicações que ponham em parêntese a religião e atribuam as causas de tal violência somente à privação económica, aos líderes despóticos ou a uma juventude decepcionada.

É trabalho nosso, da ‘construção inter-religiosa da paz’, utilizar os instrumentos iluminadores do campo da pesquisa, a doutrina e o serviço nas situações em que a religião tem sido fator significativo nos conflitos violentos. Fá-lo-emos tanto melhor quanto mais a religião aparecer como parte integrante do campo da construção da paz. Por sua vez, a religião deve ser bem-vinda como contribuinte para a busca da paz.

As lições adquiridas no trabalho da mi-

nha especialidade, os alunos e os colegas sentem-se cada vez mais ricos. Uma religiosa nigeriana que trabalha com os adeptos de Boko Haram falou sobre a força motivacional que o Islamismo pode ser para tais pessoas. Falou como a sua fé influenciou a sua construção da paz. Aconteceu no Ruanda, pouco depois do genocídio, eu tive a experiência de como pessoas de fé numa aldeia gacaca (assim se apelidava o processo de reconciliação) lidaram com as violações de direitos humanos na sua comunidade.

Com a mudança do tipo de guerra, também o papel das mulheres religiosamente motivadas como facilitadoras de paz é melhor conhecido. Na Escola do Kroc, ano a ano, a quando da nossa reunião com mulheres envolvidas na construção da paz e provenientes de todo o mundo para partilhar o seu trabalho, as abordagens específicas de líderes religiosos estão a ser melhor compreendidas e intencionalmente utilizadas. Em resumo, vamo-nos habituando ao que nunca acontecera antes: apreciar o papel e a função da religião, antes, durante e depois do conflito violento.

Sim, a religião está a mudar no nosso tempo, mas não da maneira nem com as implicações que muitos vaticinavam, como construtor da paz. É consolador acompanhar esta tendência e movimentos na esperança de que eles abrirão novos caminhos que favoreçam o avanço da paz.

OS VOSSOS COMENTÁRIOS E SUGESTÕES PARA
MELHORAR ESTA PUBLICAÇÃO JPIC/DIR

SÃO SEMPRE BEM-VINDAS.

SINTAM-SE LIVRES DE COMENTAR E TAMBÉM

DE NOS ENVIAR NOTÍCIAS DAS VOSSAS

INICIATIVAS PARA PROGREDIR O SERVIÇO ESPIRITANO JPIC/DIR.

CONTACTO: JUDE NNOROM CSSP. jpic@cssproma.com

Muito obrigado aos tradutores,
John Flavin e Angi Lepore (Edição)
e todos os JPIC&IRD e colaboradores.